



Ainda nesta edição

ADE-PR publica o Balanço Bianual 2024-2025

Como de praxe, mais uma vez, em nome da transparência que merecem todos os nossos colaboradores, incluindo Sócios-efetivos e mantenedores do programa de TV *Diálogo Espírita*, estamos dando a conhecer os números da gestão financeira do exercício concluída em dezembro passado. (*Prestação de Contas*, pág. 2).

Um pouco mais sobre a vida de Jesus

Estamos concluindo nesta edição a série de três artigos sobre a vida de Jesus. Entre os tópicos estão “O juízo final”, “A volta do Messias”, “Os sermões”, “As tentações” e “Outras falas de Jesus”. Todas as informações constituem somente um brevíssimo apanhado sobre a missão do Mestre. (*Palavra dos Espíritos e dos espíritos*, pág. 4 & 5).

Três aforismos e duas palavras

Benjamin Disraeli reflete sobre o homem e as circunstâncias; Thomas Atkinson enaltece a importância dos livros e Confúcio elege a humildade como a virtude mais sólida (*Trocando em Miúdos*, pág. 6). E ‘túnel’ e ‘talento’ estão em *Conexões e Reflexões de A a Z*, pág. 7.

Comunica Ação Espírita

Órgão de difusão da Associação de Divulgadores do
Espiritismo do Estado do Paraná

Site: www.adepr.org.br - Redação: adepr@adepr.org.br

“O Espiritismo será o que dele fizerem os homens.” - Léon Denis

Assinatura Anual: R\$ 30,00 Ano XXIX Curitiba - Março / Abril de 2026 Nº 174
Assine e Recomende!

Plantio, cultivo e colheita

Nossa missão na terra compõe-se de estudo e trabalho. Com a teoria adquirida pelas experiências próprias ou fruto da observação dos acontecimentos em nosso redor, aprendemos o que fazer. De posse do conhecimento acionamos a vontade em direção às metas traçadas.

O plantio pode se resumir a uma pequena horta ou à arte de um jardim caseiro. Ou podemos nos envolver nas tarefas de uma grande fazenda, representando a união de esforços visando a produção de alimentos em grande escala. Neste caso, o individual desdobra-se em conjugações coletivas que atendam a demandas também de grandes coletividades.

Porém, cada coisa tem o seu tempo de ocorrer. Até que possamos colher algo ou admirar a beleza de uma flor, há um período não só de espera, mas de cuidados a serem dispensados à seara.

Entre a fase do plantio e da colheita, somos testados na paciência e compreensão de que a Natureza precisa cumprir etapas sem as quais o resultado torna-se impossível. Germinação, nascimento, crescimento, maturação, muitas vezes a floração e, finalmente, o cereal ou a flor pode ser tomada em nossas mãos ou nelas deixar o seu perfume.

Tempo e cultivo. Além de escolher o tipo de se-



meadura cuja colheita necessariamente com ela guardará inexorável correspondência pela lei de causa e efeito, alguns detalhes devem ser observados.

Há bons plantios e outros nem tanto. E nem todos os cultivos possuem o mesmo ciclo. Quando plantamos boas sementes é certo que frutificarão desde que não se estraguem pelo abandono de cuidados. No jardim, as ervas daninhas precisam ser periodicamente extirpadas para que não sufoquem a muda da rosa.

É bem certo que o joio sempre produzirá joio. Mas o trigo só formará espigas e será transformado em pão se for devidamente cultivado com trabalho e dedicação. Caso contrário, a despeito de sua boa natureza, sem a atenção da mão humana, em algum momento a negligência fará secá-lo.

Embriões congelados e o enigma do Espírito

Assim começa o artigo de Wilson Garcia que analisa a situação do espírito vinculado aos embriões congelados. Mais especificamente, o articulista aborda o caso especial de Thaddeus Daniel Pierce, considerado pelo *Guinness World Records* como o bebê nascido do embrião mais antigo em estado de congelamento. Seus pais tentavam ter filhos há sete anos e o nascimento se deu em 26 de julho de 2025 – trinta anos e meio depois de ser congelado - no estado de Ohio, Estados Unidos. Onde ou como ficou seu espírito durante este tempo todo? (*Ciência*, pág. 8).

Estudo de Harvard revela grave situação entre os jovens

O estudo levado a efeito na prestigiosa universidade norte-americana traz um dado alarmante: mais da metade dos jovens entre 18 e 25 anos admitem que suas vidas não têm sentido, afetando sua saúde mental e causando ansiedade e depressão. E a própria Harvard encarrega-se de oferecer uma solução e ela vem ao encontro do que preconiza o Espiritismo: incentivo à prática do bem e cultivo da espiritualidade. Enquanto isso, por aqui, o que as instituições espíritas têm feito de concreto para ajudar esses jovens? (*Editorial*, pág. 2).



Os jovens necessitam atenção urgente do Movimento Espírita

Um estudo da Universidade de Harvard e publicado no jornal *Gazeta do Povo* de 25 de outubro do ano passado, revelou que 58% dos jovens entre 18 e 25 anos afirmam não encontrar propósito ou sentido em suas vidas. Outros 50% dizem que sua saúde mental está diretamente prejudicada por “não saber o que fazer da própria vida”. E essa ausência de sentido para a vida tornou-se a principal causa da ansiedade e da depressão para eles.

Paralelamente outros números foram levantados pela pesquisa. Por exemplo: 56% apontam que as finanças pessoais e 51% que a pressão por sucesso impactam negativamente sua estabilidade emocional. Quarenta e cinco por cento dizem que uma percepção geral de que “as coisas estão caindo aos pedaços” afeta sua saúde mental.

Défice de relacionamentos, solidão e preocupações sociais com mudanças climáticas e sensação de políticos incompetentes e corruptos também foram citadas como causas importantes neste estado de desalento.

A matéria aponta o seguinte paradoxo: nunca houve uma geração com tanto acesso à informação, conforto e possibilidades, e, ao mesmo tempo, tanta sensação de vazio. E a própria Harvard lista cinco diretrizes que podem contribuir para amenizar o problema, entre elas, estas duas que mais nos interessam:

a) incentivar o serviço ao próximo porque ajudar é terapêutico. Ao se sentirem úteis, os jovens encontram valor e direção. O voluntariado e os gestos de generosidade restauram o sentido da própria existência;

b) nutrir a dimensão espiritual. Mesmo entre os não religiosos, é vital reconhecer que há algo maior que o próprio ego. A espiritualidade ensina a lidar com limites, frustrações e mistérios, e devolve profundidade à experiência humana.

A realidade brasileira não deve diferir muito da constada pelo estudo norte-americano e pelo visto nestas duas recomendações, uma das mais prestigiosas universidades do mundo chegou às mesmas conclusões que o Espiritismo, ou seja, de que a prática do bem e o cultivo da espiritualidade são ferramentas fundamentais na manutenção ou promoção do bem-estar das pessoas.

Sim, porque não são somente os jovens os afetados pelos males da vida moderna como a depressão, a ansiedade, falta de perspectivas na vida e desgastes emocionais provocados pelos problemas sociais que nos rodeiam. Mas todos sofremos, adultos de qualquer idade, adolescentes e até crianças.

As instituições espíritas devem se alertar para problemas como os detectados neste estudo e investir seus melhores esforços em oferecer atenção para que os jovens – tão em falta no Movimento Espírita – encontrem apoio e incentivo para atuarem de maneira mais efetiva, enga-

jando-se não só no desenvolvimento de valores e capacidades, mas de ações práticas junto ao próximo, aumentando-lhes a percepção de serem úteis e necessários à comunidade.

ASSOCIAÇÃO DE DIVULGADORES DO ESPIRITISMO DO PARANÁ-ADE/PR DEMONSTRAÇÃO DA RECEITA E DA DESPESA DO BIÊNIO 2024 - 2025

RECEITAS	
Mensalidades Associados	R\$ 12.770,00
Anúncios do Jornal	R\$ 525,00
Assinaturas do Jornal	R\$ 1.130,00
Aplicações Financeiras	R\$ 1.218,22
Clube do Livro Espírita	R\$ 9.308,55
Depósitos não identificados	R\$ 180,00
Fundo programa TV	R\$ 37.170,00
Doação	R\$ 2.552,00
Direitos autorais “Admirável mundo em que vivemos”	R\$ 122,91
TOTAL RECEITAS	R\$ 64.976,68

DESPESAS	
Correio	R\$ 5.812,13
Serviço gráfico do jornal	R\$ 8.200,00
Taxas bancárias	R\$ 1.830,60
Papelaria	R\$ 258,95
Bobinas de plásticos	R\$ 128,00
Editoras / distribuidoras - C.L.E.	R\$ 4.492,35
Filmagens programa TV “Diálogo Espírita”	R\$ 34.025,00
CWBTV	R\$ 15.135,98
Domínio e hospedagem do site na internet	R\$ 336,30
Cartucho para impressora	R\$ 236,20
Cartório	R\$ 329,27
Estorno de doação	R\$ 100,00
Azulejos ADE-PR 30 anos	R\$ 90,00
Estorno depósito não identificado abril/25	R\$ 50,00
TOTAL DESPESAS	R\$ 70.974,78

DEMONSTRATIVO DO SALDO	
Saldo em 31/12/2023	R\$ 11.837,25
Receitas 2024 - 2025	R\$ 64.976,68
Despesas 2024 - 2025	R\$ 70.974,78
SALDO 31/12/2025	R\$ 5.839,15

Assinatura anual do jornal: R\$ 30,00.

Depósito Banco do Brasil

Agência 2823-1 conta corrente 205.755-7

CNPJ: 01.470.216.0001-83.

Informações pelo e-mail: adepr@adepr.org.br



ADE - PR

EXPEDIENTE

Jornal COMUNICAÇÃO ESPÍRITA

Órgão de divulgação da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Estado do Paraná (ADE-PR)

Editor

Wilson Czernski

Jornalista Responsável

Ricardo A. Dias - DRT-PR 5504

Diagramador

Aparecido José Orlando

Endereço para Correspondência

Rua João Soares Barcelos, 2715 / B-6
Boqueirão - Curitiba - PR
81670-080

Tiragem desta Edição
600 exemplares

Impressão
Folha de Londrina



O destaque da capa da edição 114 deste jornal, correspondente ao bimestre março-abril de 2016, foi uma observação acerca da preocupação com que o mesmo trata os assuntos expostos. Ou seja, a diversidade de temas sociais filtrados pelo conhecimento espírita.

Como temos repetido, não há assuntos interditos ao exame dos espíritas, pois que foi o próprio Codificador que incentivou essa busca analítica dos fatos que afetam a vida humana. O texto de então lembrava Allan Kardec afirmando na *Introdução* de “O Livro dos Espíritos” que *o Espiritismo toca profunda e literalmente todas as questões metafísicas e de ordem social*.

Outra orientação a respeito está em “A Gênese”, no primeiro capítulo, ao falar sobre o Caráter da Revelação Espírita, onde é preceptivo: *Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam... Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará*.

O nosso texto não só alertava que este trecho de “A Gênese” é muito citado, mas pouco compreendido, como aproveitava para exemplificar, citando as matérias que se seguiam naquela edição e agora podemos recordar aqui.

O **Editorial** trouxe o título “Os bons espíritas e o mundo da Política”. Geralmente muito malvista esta atividade humana, não raro, no meio espírita, parece confundir-se com algo a ser evitado a qualquer custo sob pena de perder-se a alma diretamente para o Umbral após a desencarnação.

Às vezes a mentalidade mascara-se sob o véu da condescendência do mal necessário e do inalienável direito de uso do livre-arbítrio, mas basta uma manifestação mais crítica a uma ideologia qualquer que já soa o alarme por toda parte, condenando o debate.

Como não dispomos de espaço e nem é nosso propósito reproduzir mais longamente as ideias formuladas naquela ocasião, limitamo-nos a rememorar somente os dois últimos parágrafos.

O bom espírita, decorrência dos esforços no combate às suas más tendências, alicerçadas nas características do Homem de Bem, não pode aceitar o comodismo ou a fuga da participação social sem comprometer o ideal de contribuir para a erradicação do egoísmo humano.

Ninguém pode se considerar um bom espírita se não for um bom cidadão. E o bom cidadão não se refugia em casa ou no templo religioso por medo de desagradar quem quer que seja, por receio de sofrer as consequências dos atritos naturais do convívio social. O bom espírita tem compromisso somente com a sua consciência e com Deus.

Na página 4, seção **Perguntas & Respostas**, examinamos duas questões. A primeira delas esteve assim formulada: *Chico Xavier dizia que os animais são os nossos irmãos menores. Isso significa que não devemos exterminar pragas como as baratas, por exemplo?* Na resposta mencionamos os javalis e o *Aedes Aegypti* como exemplos de que não podemos permitir que a imaginação nos leve longe demais.

Mas, também, criticamos, sim – e somos criticados por isso –, os exageros muitas vezes cometidos em relação aos chamados *pets*. *Mimos extravagantes como roupas de grife, joias, festa de aniversário, spa, cemitérios e gastos com tratamentos e cirurgias caríssimas enquanto tantas crianças vagueiam nas ruas entregues ao abandono, à fome, vícios e prostituição, depõem contra o espírito de solida-*

riedade que deve unir todas as pessoas. Tudo tem seus limites, sua razoabilidade.

A outra questão foi: *Como é possível que reencarnem espíritos de pessoas, honestas, dedicadas aos estudos, trabalhadoras, de boa índole em ambientes de vícios e corrupção?* Respondemos amparados pelas questões 872, 645, 260, 259 e 266 de “O Livro dos Espíritos”.

Lentes Especiais, na página 5, tratou de “O embate entre a fé raciocinada e a fé cega”. O artigo valeu-se em seu início de alguns trechos do item 8 do capítulo I de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” que esclarece sobre os embates entre a Ciência e a Religião e a possibilidade delas se unirem para prestar mais profundos e reais benefícios à Humanidade.

Reporta-se o texto a duas matérias da revista *Veja* edições, a primeira delas do mês de dezembro de 2007, e a outra de maio de 2005. O filósofo Sam Harris admite algum benefício individual da fé, mas descarta qualquer mérito às religiões institucionalizadas, vendo-as incapazes até mesmo como guia de moralidade. E finaliza ele: *Se há verdades espirituais ou éticas a ser descobertas, e tenho certeza de que há, elas vão transcender os acidentes culturais e as localizações geográficas*.

Já Michel Onfrey, na condição de filósofo ateu, foi mais duro em suas críticas. Disse ele: *As religiões fazem promoção permanente da fé em detrimento da razão, da crença diante da inteligência, da submissão ao clero contra a liberdade do pensamento autônomo, da treva contra a luz...*

Por isso, no artigo em questão enfatizamos novamente a importância da fé raciocinada, como bem nos traz o item 6 do capítulo XIX de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”

Passando à página 6, em **Atualidades I**, publicamos o artigo “Microcefalia e a Genética Espiritual”. Samira Turconi desenvolveu um tema relevante: a possível gênese espiritual para os casos de má-formações cerebrais fetais. Citando a questão 335 de “O Livro dos Espíritos” que explica sobre a escolha do corpo em que o espírito reencarnará, logo abaixo ela pergunta se seria correto oferecer à gestante o direito de interromper a gravidez.

E a própria articulista responde: *diante do feto com deficiência, é necessário que os pais pensem no grau de comprometimento que têm para com esta alma doente e nos esforços que devem empreender para ajudá-la a recuperar-se. Estas crianças são Espíritos que infringiram a Lei de Deus, mas que, no Mundo Maior, se arrependeram e se melhoraram conseguindo assim uma reencarnação expiatória para resgatarem seus erros*.

Na página seguinte tivemos o **Atualidades II**. O noticiário leigo de então trouxera a informação de que pela primeira vez cientistas haviam conseguido identificar uma maneira de neutralizar a alteração genética responsável pela Síndrome de Down. O autor do nosso artigo apresentou a dúvida de muitas pessoas sobre o papel desta doença como herança cármica.

Ele desfez a dúvida ao relativizar a programação reencarnatória ao estilo “Nosso Lar”, que não é regra geral, pois o que trazemos são “tendências reencarnatórias” não determinísticas, apesar de serem potencialmente determinantes.

Fechamos a nossa edição número 114 noticiando as desencarnações de João Batista Cabral, presidente da ADE-Sergipe e ex-presidente daquela federativa; o comunicador Alamar Régis, e Altivo Ferreira, vice-presidente da Federação Espírita Brasileira, todos no mês de fevereiro de 2016.

Jesus - Final

A volta do Messias

Concluimos nesta edição, dentro da seção “Palavra dos Espíritos e dos espíritas”, a série sobre Jesus. Nas duas anteriores tivemos oportunidade de discorrer sobre o significado do nome do Mestre, sua data de nascimento, o período desconhecido da vida dele, entre os 13 e 30 anos de idade, a escolha da época para sua vinda, isso tudo na edição de novembro e dezembro. Aliás, a revista *Veja*, nº 1.936, de 21/12/2005, lembra que Mateus e Lucas foram os únicos evangelistas a falar da infância dele.

Já na edição seguinte, referente ao bimestre janeiro-fevereiro, examinamos informações que dão conta sobre citações a ele atribuídas, mas são contestadas por muitos estudiosos. A polêmica envolvendo a oferta de vinho ou mirra e vinagre quando Jesus padecia a crucificação também foi abordada. Escrevemos a respeito de suas aparições após a “ressurreição” e algo mais sobre os evangelhos e João Batista.

Retomamos agora inicialmente com alguns aspectos sobre a personalidade de Jesus a partir do conteúdo de Will Durant no livro “César e Cristo”. É difícil uma análise objetiva de sua figura porque o que se sabe é pelos que o adoravam e nossa herança moral e ideal fica comprometida. Ele perdoava todos os pecados menos a falta de fé; parece que adotou sem exame noções cruas sobre o inferno. Disse para não se julgar, mas amaldiçoou quem não queria receber o Evangelho e a figueira. Foi áspero com a mãe. Mostrava mais zelo puritano do profeta hebraico do que serenidade do sábio grego.

Jesus não era ascético como os profetas, os essênios ou João Batista. Ele queria refazer as instituições e as leis por meio da mudança do homem. Não atribuía a cura a si próprio e sim à fé dos pacientes e não pode fazer milagres em Nazaré. Parece ter experimentado a exaustão psíquica depois de seus milagres; relutava em repetir as experiências.

Em adição aos 12 discípulos nomeou mais 72 que mandava na frente para cada cidade. Alguns de seus ditos parecem obscuros, outros injustos, outros travados de sarcasmo e amargor. Não registrou queixa contra os juros ou a escravidão. Não se preocupou em atacar as condições econômicas ou políticas existentes... a revolução que visava era muito mais profunda e sem ela todas as reformas seriam superficiais e transitórias.

O Juízo Final

Nada é novo na sua moral, apenas o arranjo. O tema central, o Juízo Final, já existia há um século entre os judeus; a fraternidade já estava no *Levítico* (“Amarás a teu vizinho como a ti próprio”); também no *Êxodo*. E Jeremias e Isaías aconselharam a oferecer o rosto para ser esbofetado; os profetas colocavam a vida perfeita acima dos rituais e Isaías e Oséias começaram a mudar Jeová de um Deus das Hostes em Deus de amor; até Confúcio já defendera a Regra de Ouro.

Jesus defendeu a pregação exclusiva aos judeus (“não ireis aos gentios, nem entrareis na cidade dos samaritanos”) e quando encontrou a mulher samaritana no poço, disse-lhe ‘a salvação é dos judeus’.

Allan Kardec, na “Revista Espírita” do mês de junho, 1864, pág. 162-7 (*) publica trechos de um texto de um tal Sr. Renan, cuja visão das origens do cristianismo, em suma, faz dura crítica à conduta de Jesus, adjetivando-o como populista, uso inadequado de crianças, mulheres, pobres, etc) e seguem-se os comentários do Codificador.

Por falar em “Revista Espírita” e Allan Kardec, vale mencionar a curiosa comunicação sobre a vinda de um novo Messias, um menino mesmo, relato que se encontra na edição de fevereiro de 1868, à página 45.

Assinada por São José em Sétif (Argélia), em 1861, Kardec comenta que foram várias neste sentido já recebidas e só então publicadas porque no próprio texto havia a orientação para serem mantidas secretas. Kardec proclama a concordância delas.

É o que se vê na página seguinte com a mensagem de Baluze, Paris, 1862, afirmando que “o novo Messias não vos faltará”. E a seguir, o espírito de Lacordaire, em Paris, esclarecendo que “talvez não seja Jesus, mas espíritos com o mesmo pensamento (vários Cristos; Messias)”; seria anunciado por Jesus como o Espírito de Verdade e cada um ocuparia posições na política, religião, legislação e mais outros auxiliares de escol. Mas até lá, muitos acontecimentos viriam.

São Luís, o presidente espiritual da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, também contribui ao dizer que a “vinda de um Espírito Superior resumirá todas as doutrinas antigas e novas...”.

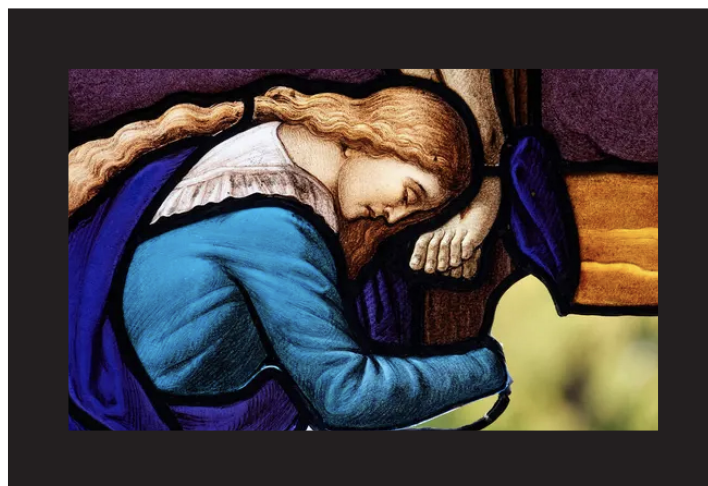
Então o Codificador indaga: - É a pessoa de Jesus de Nazaré? E a resposta: “Que vos importa se o pensamento é o mesmo... quando as perfeições são iguais, nada o distingue; formam coletividades sem perder a sua individualidade”.

E o espírito de Lammenais, por sua vez, em comunicação transmitida em Havre, 1862 (pág. 49), acrescenta afirmando que se trataria de um “... novo mensageiro anunciado pelo próprio Cristo...”.

Na edição da *Revue* do mês seguinte, Kardec (pág. 65-70) volta ao tema, com um longo comentário pessoal sobre os Messias. Mas nada sobre um possível novo Cristo; só os do Espiritismo, suas características, etc. Distingue-os dos Espíritos Superiores (ainda em prova e falíveis).

Em maio de 1868 (pág. 157), Kardec retoma o assunto mais uma vez, ocasião em que reproduz uma mensagem obtida na cidade de Lyon em 02 de fevereiro de 1868, através de “comunicação verbal em sonambulismo espontânea”, segundo a definição do Codificador sobre o novo Messias: “... já nasceu, mas ainda não revelou sua missão... não permitido dizer seu nome nem o país que habita”.

Mais à frente, o próprio mensageiro se pergunta: “Mas esse Messias que deve vir é o próprio Cristo?”. E ele procura responder: “Pergunta difícil de compreender no momento presente e que amanhã será esclarecida”. No parágrafo seguinte, o mesmo interlocutor repete para si mesmo o questionamento:



“Esse novo Messias será chamado o Cristo?”. Resposta: “É uma pergunta a que não posso responder”.

E Allan Kardec não acrescenta mais nenhum comentário.

Agora um pouco mais de História. O jornal “Opinião”, nº 214, de dezembro/2013, trouxe as seguintes informações através do articulista Daniel Torres. Karen King, professora da Universidade de Harvard, descobriu um papiro copta do século IV e apresentou-o no Congresso Internacional de Estudos Coptas em Roma. Nele lê-se: “Jesus lhes disse minha esposa...!”. A autenticidade do documento foi avalizada por Roger Bagnell, diretor do Instituto para Estudos do Mundo Antigo, o qual, possivelmente, teria sido escrito no século II.

Ainda mesma fonte: em 28/03/1980 foi descoberto um túmulo em Talpoit, Jerusalém, de mais de 2.000 anos, e estudos dos ossários revelaram a possibilidade de pertencerem à família de Jesus. O DNA mitocondrial de todos os corpos era da mesma família. Na sepultura estavam gravados os nomes de Yehshúah bar Yoshef (Jesus filho de José), Mariamne e Marah (Mariane ‘a mestra’), Yehudah Bar Yehshúah (Judas filho de Jesus), Yosha (José) Mariah (Maria) y Matthiyah (Mateus).

O Dr. Carney Matheson do laboratório *Paleo Lab – DNA de Lockehead University*, Ontário - Canadá, extraiu DNA mitocondrial destes restos e descobriu que Maria Madalena e Jesus não possuíam o mesmo código genético, especulando-se que ela poderia ter sido sua esposa. No último ossário descoberto havia a inscrição em aramaico “Yehudah Bar Yeshúah” (Judas filho de Jesus).

A respeito dos milagres atribuídos a Jesus, o professor Francis Watson, da Universidade de Abeerdeen, da Escócia, falando à revista *Veja*, nº 1.884, de 15/12/2004, o fato de não ser possível provar que os milagres e a ressurreição ocorreram não é em si prova em contrário de que não aconteceram.

Porém, Allan Kardec, em “A Gênese”, demonstra claramente que a ressurreição não ocorreu. A propósito, o *site* da revista eletrônica “O Consolador”, na seção “223 questões sobre Espiritismo”, item 46, expõe que para Madalena e depois a outros apóstolos, Jesus não se mostrou com chagas após a ressuscitação, mas sim a Tomé, por motivos conhecidos. E isto já seria, por si só, uma prova que ele não estava mais com o corpo físico.

Os sermões, as tentações e outras falas de Jesus



Esta compilação encontramos na revista “Seareiro” nº 131, janeiro-fevereiro/2014, elaborada por Rosaine Gonçalves. Segundo ela, foram quatro os principais sermões proferidos pelo

nazareno. 1- “da Montanha” ou “Das bem-aventuranças”, feito no primeiro ano de sua vida pública; em uma colina da Galileia (Cafarnaum, perto do Tiberíades). Traz promessas consoladoras: aos pobres de espírito, aos que choram, aos mansos, aos que têm fome e sede de justiça, aos limpos de coração, aos pacificadores, aos que forem perseguidos e injuriados por sede de justiça; 2 - sermão profético. Proferido no Getsêmani (Horto das Oliveiras), aos apóstolos. Fala de sinais e de surgimentos de vários acontecimentos e guerras nos séculos vindouros, dos falsos profetas e necessidade de vigilância, das parábolas, da destruição do templo e queda de Jerusalém, das leis de amor e missão dos apóstolos, perseguições e tribulações, das profecias; 3 - do Cenáculo na Última Ceia, aos apóstolos. Dá recomendações, consolações e esperanças para o futuro. Anuncia sua partida, a traição de Judas e o martírio e morte sua. Anuncia a vinda do Consolador, das muitas moradas. O ponto alto é o ‘lava-pés’; 4 - “Dos Ais”, dirigido aos escribas e fariseus, chamando-os de “sepulcros caiados, pois têm dentro de si a hipocrisia e iniquidade”.

Sobre as tentações que o Cristo sofreu, conforme Waldehir de Almeida na “Revista Internacional de Espiritismo”, de novembro/2005, as três tentações de Jesus foram as seguintes: a primeira, no deserto quando estava jejuando e o diabo disse-lhe: “Se és filho de Deus manda que estas pedras se transformem em pão” e Jesus teria respondido que ‘nem só de pão vive o homem; a vida é mais que o alimento e o corpo mais do que a roupa’. Depois no pináculo em Jerusalém e “Se és filho de Deus atira-te para baixo” e os anjos o teriam sustentado. Depois no monte mais alto, também em Jerusalém, quando o espírito das trevas oferece-lhe todos os reinos do mundo “se me adorares”.

Ainda segundo a “Revista Internacional de Espiritismo”, abril/2002, foi a Tomé que ele disse “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” e a Felipe “Não crês que eu estou no Pai e o Pai em mim?”.

A respeito da primeira destas duas frases, José Lázaro Boberg, em seu livro “O Código penal dos espíritos”, repercute uma interpretação de Carlos Torres Pastorino para quem “o Eu é o caminho da Verdade e da Vida”. Ninguém vem ao Pai senão pelo Eu. É o Cristo interior desenvolvido pelo próprio Cristo. Isto substituiria o “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” original, excludente para os não cristãos.

Permita-me aqui, caro leitor, oferecer, também, uma pequena contribuição quanto a esta frase em particular: “Ninguém vai ao Pai se não for por mim”. Penso que podemos formular quatro hipóteses: a) Jesus falou e é verdadeiro (ele é o maior entre todos, guia da Terra); b) falou e foi pretensioso porque discrimina os não-cristãos; c) falou e foi mal interpretado; quis dizer que só vai a Deus quem age como ele agia; d) nunca falou ou falou algo parecido que foi desvirtuado de boa-fé (erro de tradução, p. ex.) ou má-fé. Há que se examinar o contexto desta sua fala e confrontar com outras declarações suas.

E para concluir, recorreremos mais uma vez à “Revista Internacional de Espiritismo”, edição de dezembro/2002, para registrar duas declarações do próprio Cristo que deixam claro que o dogma da Santíssima Trindade não se sustenta. São duas ocasiões, pelo menos, em que ele afirma que não é Deus.

A primeira quando o jovem rico chama-o de “bom mestre” e ele responde: “Por que me chamas de bom, pois bom só é o Pai que está no Céu”; a segunda aos discípulos sobre o momento da queda de Jerusalém – “nem os anjos do céu, nem o Filho do homem, só Deus o sabe”. Por nossa conta acrescentaríamos que a própria prece de “Pai Nosso” explicita isso, pois seria incoerente Jesus dirigir-se a Ele próprio como ao Pai.

(*) EDICEL, 1ª edição -1985, São Paulo-SP.



Vamos começar as análises que fazemos aqui neste espaço sobre os aforismos elaborados por grandes pensadores da humanidade como o político e escritor inglês Benjamin Disraeli, nascido no mesmo ano de Allan Kardec, mas cuja desencarnação deu-se bem mais tarde, no ano de 1881.

O homem não é produto das circunstâncias. As circunstâncias são produtos do homem, disse ele. Discussão antiga envolvendo a influência do meio em contraposição à natureza original do ser humano. Rousseau era defensor da ideia de que todo homem nasce bom e a sociedade é que o corrompe. Para quem defende o contrário, como Cesare Lombroso, psiquiatra italiano, antropologista e criminologista e, aliás, também estudioso espírita, mais ou menos da mesma época de Disraeli e Kardec, mas do século seguinte ao do filósofo suíço, as coisas não se passam assim.

Para avançarmos ao ponto crucial, ficamos com a tese de que, graças ao nosso livre-arbítrio, nós é que criamos o destino e a vida em torno de nós. Por não iniciarmos a caminhada da alma no momento do nascimento e trazermos das vidas pretéritas as tendências já registradas em nossa memória perispiritual, de um lado, sofremos, em grau maior ou menor, induções, sem arrastamentos irreversíveis, em um sentido ou outro e, ao mesmo tempo, ao lado das reparações e reajustes, podemos determinar o caminho que desejamos seguir a partir de então.

Somos inseridos em um meio social rodeado de circunstâncias físicas, morais, culturais que podem aumentar as dificuldades de êxito. Nem todas as coisas podemos mudar por força desse passado sempre presente, porém, não somos escravos subjugados e condenados a sofrer sem possibilidade de dar novo rumo à nossa vida.

Se há alguém a quem se possa culpar por eventuais infortúnios, este alguém é o próprio indivíduo. Querer responsabilizar os outros e assumir o papel de vitimização é provocar a distorção da realidade e retardar o progresso individual e da coletividade.

E que tal falarmos agora sobre livros? Todos sabemos que eles são fundamentais para o desenvolvimento intelectual do indivíduo. A despeito de atualmente eles estarem sendo intensamente substituídos pelos meios digitais, tanto nas escolas como nas bibliotecas ou nos lares, ainda ocupam um lugar de destaque, física e abstratamente. Livro é uma das principais ferramentas de instrução, formação cultural e entretenimento.

Mas há que se distinguir uns dos outros conforme a sua destinação essencial. Como se diz, há livros e livros. Infelizmente, até muitos desaconselháveis e impróprios. Porém, não é destes que pretendemos nos ocupar e, sim, de todos aqueles que oferecem a oportunidade de contribuir para o enobrecimento do ser humano.

E justamente pela diferença de objetivos ou, mais claramente, de conteúdo, é que chegamos à frase abaixo do pensador Thomas Atkinson (1799-1861). Diz ele: **Não basta ler os livros úteis, é necessário consultá-los**. Com isso chegamos mais próximos do Espiritismo.

Logo na Introdução de “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec enfatiza a necessidade do estudo: Quem deseje tornar-se versado numa ciência tem que a estudar metodicamente, começando pelo princípio e acompanhando o encadeamento e o desenvolvimento das ideias. É quando, mais abaixo, o Codificador inclui a Doutrina Espírita como um conjunto de conhecimentos a ser estudado verdadeiramente como uma ciência.

Naturalmente que há outros meios de se estudar uma ciência qualquer, como através da repetição de experiências ou produção de fenômenos, por exemplo. Entretanto, para quem está chegando em determinado momento ao contato com ela pela primeira vez e desde que já esteja consolidada, os livros, provavelmente, são a principal porta de entrada naquela área de conhecimento.

Portanto, não basta mesmo, para ficarmos na nossa seara, apenas ler superficialmente os livros espíritas; temos que consultá-los, o que é bem diferente. E isso vale para as Obras Básicas como para todos aqueles que apresentem um conteúdo abordando os aspectos gerais, científicos, filosóficos e religiosos ou morais.

Kardec, ao longo de seus tratados espíritas, enaltece a necessidade de estudarmos com método e persistência e estava absolutamente correto porque o trabalho que ele e os Espíritos Superiores nos deixaram, oferecem um manancial imenso de aprendizado. E quanto mais aprendemos, conforme outro pensador aqui presente, o grego Sócrates, vamos percebendo que a nossa ignorância é muito maior do que a luz de conhecimentos que, eventualmente, possamos já ter adquirido.

Ler, sim, quanto mais, melhor. Porém, ir além, ler, interpretar, reler, refletir, meditar, listar dúvidas, extrair conclusões, enfim, estudar.

Uma das virtudes mais enaltecidas por religiosos, filósofos e outros pensadores, é a humildade. Faremos agora um apanhado de ideias que, evidentemente, não abrangem todas as ilações que podemos extrair sobre ela, a humildade, porém, suficientes para dimensionarmos razoavelmente o valor desta qualidade de caráter.

O sábio chinês Confúcio declarou: A humildade é a única base sólida de todas as virtudes. Essa afirmação é, em essência, comum a vários outros pensadores, identificando a humildade como condição primordial à aquisição das demais virtudes e, conseqüentemente, à construção do caráter.

E, de fato, se procurarmos na História por exemplos de vultos da humanidade que se destacaram – e aí, aparentemente, uma contradição –, pela conduta sempre discreta, simples, despojada de todo traço de orgulho, constataremos que a humildade nunca está sozinha.

Ela vem acompanhada de dignidade, respeito, sensatez, serenidade, amizade, bondade, paciência, tolerância, desprendimento e tantas outras. Direta ou indiretamente poderá aparecer com a solidariedade, sabedoria, renúncia, trabalho e por aí vai.

Enfatizemos que Confúcio não só elege a humildade como o alicerce da construção do Bem em geral, mas acrescenta a ela a qualidade de solidez. Portanto, não se trata somente de uma base qualquer, com qualidade duvidosa que pode ruir a qualquer momento. Não, é um alicerce capaz de suportar todo o peso da edificação do caráter do indivíduo, acrescentando-se, a cada passo ou a cada reencarnação, uma ou algumas virtudes a mais.

Colocaríamos neste ponto a seguinte interrogação: teria o sábio verificado que sem humildade todas as outras virtudes estariam em risco? Poderiam não ser totalmente autênticas ou estar incompletas enquanto não for desenvolvida a humildade? Questões para mais ampla reflexão, não é mesmo?

Portanto, não basta mesmo, para ficarmos na nossa seara, apenas ler superficialmente os livros espíritas; temos que consultá-los, o que é bem diferente.



Nesta edição vamos trabalhar sobre a letra “T” do nosso alfabeto. E iniciamos com a palavra **TÚNEL**. O que ela nos lembra? A resposta é que, em nosso meio, a conhecemos como relacionada às EQMs ou Experiências de Quase-Morte, *Near Death Experiences*, em inglês.

O tema das EQMs é tão vasto que só este único segmento, as citações sobre o túnel pelo qual a maioria das pessoas que passam por uma experiência de quase-morte vivenciam, já poderia compor, talvez, outra seção nossa, que é a “Palavras dos Espíritos e dos espíritas”.

Porém preferimos manter o assunto aqui, mas importando de lá, o critério de evitar a exposição de ideias ou opiniões pessoais, mantendo fidelidade às informações que nos chegaram de fontes diversas, espíritas ou não, através de periódicos (jornais e revistas), livros, documentários, programa de televisão, etc.

Esse método, além de garantir um caráter mais rigoroso na divulgação das informações, até porque estamos tratando de pesquisas e experiências científicas e não apenas religiosas, também oferece uma narrativa mais objetiva.

O túnel de luz, mas, às vezes, escuro, é somente um dos diversos pontos que compõem as descrições dos pacientes que estiveram à beira da morte e, espontaneamente ou às custas de atendimento médico, retornam à vida consciente entre os encarnados.

É isto, por exemplo, o que nos traz o médico e escritor Raymond Moody (1944 -) norte-americano e estudioso das EQMs. Segundo ele, no livro “Vida depois da morte”, são 15 os elementos presentes – nem sempre todos – desde o instante em que se atinge o limiar da morte até o momento do retorno.

A passagem por um túnel de luz, após o qual encontram-se para receber o espírito desencarnante parentes e amigos ou uma outra figura de luz, é somente um dos estágios mais descritos nas descrições das EQMs. Algumas vezes o túnel é substituído por uma caverna, poço, canal, funil, cano, vale, cilindro ou mesmo uma sensação de vazio ou vácuo. Nem todos chegam ao final do túnel.

No livro “Vida após a morte”, de James R. Lewis, consta que nas experiências de Keneth Ring, ao contrário das de Raymond Moody, o túnel é citado por poucos pacientes. E na revista “Seareiro”, nº 117, maio-junho/2009, Décio Iandoli Junior afirma que o percentual de pacientes que dizem ter passado pelo túnel é de 31%.

Marlene Nobre, no livro “Nossa vida no além”, explica que o túnel que conduz o espírito da escuridão para a luz, poderia ser descrita na linguagem da travessia do umbral em direção aos espíritos do bem.

Na obra “Os mortos nos falam”, de François Brune, o autor informa que dos espíritos que voltam, alguns dizem que também o fazem pelo túnel. Uma mulher quando ia, encontrou um amigo que voltava e, de fato, ele tivera uma parada cardíaca mais ou menos na mesma hora.

O programa *Globo Repórter*, de 16/09/2011, narrou o caso de um executivo que trabalhava 18/19 horas/dia e enfartou. Então, viu-se embaixo da cama, um túnel sugando-o, uma luz no fundo, e durante o trajeto um ser falando que o salvara de um afogamento, outro que fora de um acidente e que ele deveria voltar para os filhos pequenos.

Agora, duas questões que devem nos fazer pensar. A primeira delas é como a ciência explica ou tenta explicar a descrição desse túnel. Na revista *Veja*, nº 2.256, de 15/02/2012, o que causa a visão e experiência dentro do túnel não passa de um efeito da falta de oxigênio no cérebro, o que afetaria primeiro as células da visão periférica, passando a predominar a visão central, gerando o túnel.

A hipoxemia cerebral causaria alucinações e delírios, mas em geral esse fator causa turvação da consciência, agitação, medo, agressividade, ilusão, alucinação e delírio, mas os relatos das EQMs são de pensamento claro, sentimento de paz, calma.

A mesma Marlene Nobre e na obra citada há pouco, toca na questão de os espíritos terem feito menção ao túnel por via mediúnicamente. Ela afirma quem sim, mas, embora cite Dante Alighieri na produção da “Divina Comédia”, não acrescenta nenhum exemplo.

Já Paulo Rossi Severino, em “A vida triunfa”, relata que foram estudados 43 casos de comunicações de espíritos através da mediunidade de Chico Xavier. Em todas havia os parentes do outro lado e a maioria fala do sono profundo, mas nenhum sobre túnel ou seres de luz.

Seria este um daqueles casos a que o Codificador se referia como sendo não só recomendável como necessário ficar com a palavra da ciência?

TALENTO. É o título de uma das parábolas evangélicas. Na época de Jesus era conhecido como moedas de ouro e prata para uso no comércio envolvendo grandes transações. A partir do talento tinha-se valores em minas e denários, equivalendo cada um destes a uma dracma grega ou 4 a 6 gramas de um dos metais nobres. Júlia César, filha do imperador Júlio César, teria recebido de dote 100 talentos ou 3,6 toneladas de ouro.

Jesus usou esse grande valor monetário para exemplificar qual deveria ser o procedimento de seus discípulos, não quando obtivessem algum, o que seria algo muito improvável dadas as condições sociais e econômicas deles, mas metaforicamente, o que eles deveriam – e nós – fazer com os recursos com os quais somos brindados na vida.

Poderíamos perfeitamente transplantar tudo isso para os dias de hoje e eleger aquilo que poderíamos denominar de “os talentos da vida moderna”. O que estamos fazendo com os predicados com os quais fomos aquinhoados, quer tenham sido dados a nós por mérito ou visitem-nos por provações?

Diante disso, entendemos que podemos elencar pelo menos dez talentos. Dinheiro é um deles e podemos começar por ele tendo em vista que na sua origem, como frisamos, ao tempo de Jesus, era isso mesmo que significava, talento.

Um segundo talento que pode ser listado é a saúde. E seguimos com: poder (obviamente quem o possui), inteligência, família, profissão, tempo, amizades, conhecimento espírita e incluímos aqui, também, as oportunidades de ser feliz.

Naturalmente que podemos desenvolver ou fracionar cada ideia ou ‘talento’ destes em muitos tópicos.

Ao nos defrontarmos com a análise de cada um deles podemos nos perguntar se estamos trabalhando para que sirvam ao bem-estar nosso e de nossos semelhantes ou somente usufruir para gozo próprio? Os recursos materiais, a inteligência, o tempo e o conhecimento espírita estão sendo disponibilizados para promover o progresso individual e coletivo ou só atendem à satisfação dos instintos?

E a família, temos sabido ser gratos a Deus pelo lar que nos acolhe? Pelos companheiros de jornada que foram colocados em nosso caminho, apesar de muitas vezes exigirem de nós sacrifícios, tolerância, paciência, o que, aliás, também é um grande bem para nós mesmos?

Profissionalmente temos sido exemplares, responsáveis e honestos, procurando encontrar no trabalho além do ganha-pão, uma forma de cultivarmos amizades e contribuir com o bem-estar das outras pessoas?

O espaço não nos permite e nem é este o objetivo deste texto. Que cada um beba da luminosa fonte justamente de um destes talentos, o conhecimento espírita, que está a nossa disposição, convidando-nos a aprofundar o entendimento sobre todos estes recursos com que Deus nos agraciou nesta atual reencarnação.

Se ao invés de buscarmos multiplicá-los nós os enterramos na indiferença ou preguiça, muito provavelmente, na próxima ocasião em que estivermos por aqui, sejamos privados temporariamente até daqueles poucos que, eventualmente, tenhamos angariado ao longo do processo evolutivo. Fiquemos atentos!

Embriões congelados e o enigma do Espírito: o que acontece durante 30 anos de espera?

* Wilson Garcia

Por mais que a ciência avance e normalize procedimentos antes associados à ficção científica, há histórias que continuam a desconcertar o senso comum. O nascimento de Thaddeus — considerado pelo *Guinness World Records* o bebê proveniente do embrião mais antigo já implantado com sucesso — é uma dessas histórias que forçam uma revisão de conceitos.

Seu embrião foi gerado em 1994, congelado em nitrogênio líquido a quase 200 graus negativos e só recentemente foi adotado, implantado e finalmente colocado nos braços de uma mãe que sequer era nascida quando o material genético fora concebido.

Mas enquanto a ciência explica com precisão o que acontece com as células nesse hiato de três décadas, outra pergunta paira no ar — uma pergunta que não se deita no microscópio: **Onde estava o Espírito durante todo esse tempo?**

Entre a técnica e o mistério

Os embriões congelados não se desenvolvem, não envelhecem, não se degradam. Estão suspensos num tempo biológico zerado, aguardando uma decisão humana — um gesto médico, uma escolha materna, um projeto de família. A técnica é fascinante, mas não encerra a questão.

No campo espiritualista — e especialmente na tradição espírita — a vida humana não começa apenas com a atividade celular, mas com a ligação de um princípio inteligente ao organismo em formação. Não é uma fusão abrupta, mas um processo, um deslizamento gradual que se intensifica à medida que o corpo se desenvolve no útero.

E é justamente aí que a história de Thaddeus desloca o debate para um campo novo. Se a união entre Espírito e corpo é progressiva e acompanha o metabolismo crescente do embrião, **o que significa um embrião que não cresce?** Seria sensato imaginar um Espírito “preso na geladeira” por 30 anos, aguardando o degelo para retomar uma encarnação interrompida? A hipótese parece menos uma explicação e mais um desconforto lógico.

O Espírito não congela

Do ponto de vista espírita, a resposta mais coerente é também a mais simples: **não há encarnação enquanto não há desenvolvimento orgânico.** A fecundação abre uma possibilidade, mas não obriga um acolhimento imediato. A união, segundo a doutrina, é proporcional ao estado do corpo: quanto mais próximo da vida ativa, mais forte a ligação; quanto mais inicial ou anômalo o processo, mais tênue ou inexistente ela é.

Um embrião congelado não convoca um Espírito porque:

- não respira,
- não cresce,
- não desperta centros nervosos,
- não evolui biologicamente,
- não inaugura o metabolismo que serviria de “ancoragem” da consciência reencarnante.

Durante os 30 anos em que o embrião esteve suspenso no nitrogênio líquido, **nenhum Espírito aguardava ali.** Nenhum ser estava “trancado” em um estado de coma metafísico. O Espírito que, mais tarde, ocuparia aquele corpo estava em plena atividade no plano espiritual — estudando, convivendo, trabalhando, evoluindo — como qualquer outro ser à espera de uma nova oportunidade reencarnatória. Sua ligação com o embrião só começou quando o corpo voltou a viver. Quando o tubo foi retirado do tanque, descongelado, reidratado, implantado e retomou finalmente o caminho biológico que transforma uma célula em um ser humano.

Biotecnologia e espiritualidade: encontro inevitável

O caso Thaddeus, porém, escancara um dilema maior — não apenas dogmático, mas ético e civilizacional. Nos Estados Unidos, há mais de 1,5 milhão de embriões crios preservados. “Vidas em potencial”, como alguns definem; “material biológico represado”, para outros; “destinos possíveis”, diria um espiritualista.

Cada um deles levanta a mesma pergunta: até quando podem permanecer nesse limbo biológico? Quem decide? O que significa, espiritualmente, manter indefinidamente corpos que não são corpos, mas possibilidades suspensas?

O Espiritismo não oferece respostas prontas para problemas que Kardec jamais imaginou. Contudo, sua lógica permite um ponto firme: a reencarnação é um processo natural, e a natureza não aprisiona Espíritos em vitrines congeladas. Se a vida orgânica é posta em espera, a vida espiritual segue adiante.

Muito além dos records

No final, o chamado “bebê mais velho do mundo” não é apenas uma curiosidade médica. É um marco no encontro — e no choque — entre dois mundos: o da ciência que domina a matéria e o da filosofia que tenta compreender a consciência. Entre o nitrogênio líquido e o útero quente, entre o laboratório e o berço, está a pergunta que permanece aberta: **quando começa realmente uma vida?**

Se a biologia aponta para a fecundação, e a espiritualidade aponta para a vinculação, o caso Thaddeus talvez nos lembre de algo essencial: nem o relógio da ciência, nem o do Espírito funcionam no mesmo tempo. E quando esses dois mundos se cruzam, o que se abre é um território novo — um campo de perguntas que tanto a razão quanto a fé precisam reaprender a explorar.

(*) Professor universitário, jornalista, escritor, mestre em Comunicação e Mercado, especialista em Comunicação Jornalística.

MARIA ANA DE BRITO VALIM

Fonoaudióloga e Psicopedagoga
CRF 9353/PR

+55 41 9.9976-4833

maria_ana_valim@hotmail.com

Av. Sete de Setembro, 4214, conj. 203
80250-210 - Batel

Fonoaudióloga: Mestre em Distúrbios da Comunicação
Dislalia; Parkinson, ELA, TCE (neuroológicos)
Linguagem: Adulto nas afasias e demências e Infantil: Avaliação e Terapia; Terapia do Processamento Auditivo Central (PAC)
Atendimento: Particular - Domiciliar e Consultório

Pedagoga: Especialista em Psicopedagogia
Avaliação e Terapia Psicopedagógica
Orientação Institucional e Familiar
Atendimento Particular no Consultório